

SPUTNIK

A close-up photograph of several hands holding and pointing to a colorful, crumpled map. The map shows various geographical features like roads, rivers, and green spaces. The hands are of different skin tones, suggesting a diverse group of people. The background is dark and out of focus.

# ALÉM DA FRAGMENTAÇÃO: CAMINHOS PARA A TOTALIDADE.

POR

ANDRÉIA

MATOS

# SUMÁRIO



POR QUE DIVIDIMOS NOSSOS SABERES?	3
A CISÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	7
NARRATIVAS DE UNIÃO	16
CAMINHOS PARA A TOTALIDADE	24
BIBLIOGRAFIA	30



# POR QUE DIVIDIMOS NOSSOS SABERES?

Não é nada incomum nos depararmos com os termos Hard Skills e Soft Skills quando o assunto é a nossa vida profissional. Seja em uma entrevista, no cotidiano da empresa, ou em qualquer relatório que pretenda nos orientar sobre como nos preparar para o futuro do trabalho, Hard Skills e Soft Skills se tornaram mais uma das muitas palavras em inglês que passaram a povoar o universo corporativo e a criarem uma nova demanda para aqueles que pretendem estar conectados com o espírito do seu tempo.

MAS O QUE SÃO, AFINAL,  
AS TAIS HARD E SOFT SKILLS?

Estes conceitos e a distinção entre eles surgiram pela primeira vez no Exército dos Estados Unidos na década de 1970. As soft skills se refeririam às habilidades que não estavam envolvidas à operação de maquinários, surgindo assim, em contraposição a estas: as hard skills. Assim, atividades como liderar grupos, tomar decisões, e outras tantas que também habilidades que levam ao objetivo final de vencer a guerra, encontravam-se agrupadas nesse termo genérico que passou a designar aquilo que o neuropsicólogo de Cambridge Nicholas Humphrey, autor do livro *Inner Eye: A evolução da Inteligência social*, declarou como sendo àquilo de específico que nos definia como humanos.

Estes conceitos passaram então a distinguir entre competências mais técnicas que envolvem métodos, processos, e podem ser quantificadas - as hard skills - , e àquelas mais voltadas aos aspectos socioemocionais do nosso desenvolvimento - as soft skills. Estas últimas, se referindo a um guarda-chuva de características geralmente pouco definidas e de difícil mensuração, tem enfrentado um longo processo de validação dada a sua natureza distinta da lógica sob a qual o processo educativo tradicional opera. Diferentes nomes como emotional intelligence quotient (EQ), people skills, human skills ou life skills tem sido propostos para dar conta de como aborda-las e desenvolve-las, haja visto que a dificuldade de definição torna ainda mais difícil a proposta de ensiná-las. Porque sim, essas habilidades nada tem de inatas: elas podem - e devem - ser ensinadas, sendo essa sua não-objetividade própria e característica sendo tomada como um argumento para dissuadir seu ensino em um sistema que não se desenvolveu fundamentado na valorização de tais habilidades.



Deste modo, o cenário que se delimita em nosso horizonte no desenvolvimento da chamada Quarta Revolução Industrial nos mostra que o avanço exponencial das tecnologias não só faz com que ambas as habilidades sejam necessárias nesse projeto de mundo que temos construído, mas que devemos também, e sobretudo, questionar quando foi que relegamos a nós mesmos esse incômodo lugar de seres fragmentados e incompletos no desenvolvimento de toda nossa potencialidade humana.

## TOP 10 SKILLS PARA 2025

---



Pensamento analítico e inovação.



Aprendizagem ativa e estratégias de aprendizado.



Resolução de problemas complexos.



Pensamento crítico e analítico.



Criatividade, originalidade e iniciativa.



Liderança e influência social.



Uso, monitoramento e controle da tecnologia.




Programação e design tecnológico.



Resiliência, tolerância ao stress e flexibilidade.



Racionalizar, resolver problemas e ideação.

A silhouette of a person with short hair, seen from the back and slightly to the side, looking out over a landscape at sunset. The sky is a mix of soft pinks, oranges, and blues, with some clouds visible. The person's shadow is cast on the ground in front of them.

*“Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade.”*

**ALBERT EINSTEIN**

Educação em vista de um pensamento livre.

# A CISÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS



RAZÃO	X	EMOÇÃO
ESPÍRITO	X	MATÉRIA
SUJEITO	X	OBJETO
CULTURA	X	NATUREZA
MENTE	X	CORPO

É através destes e de outros tantos pares binários que aprendemos a apreender e a compreender a nós mesmos e ao nosso mundo. Este modo de pensar, no entanto, por mais que nos pareça natural, é um paradigma que tem uma origem específica na história e que faz parte de um projeto político que tornou-se dominante nas sociedades ocidentais e além, perdurando até hoje como modo hegemônico de se enxergar o mundo.



## A RAZÃO DOMINADORA

As origens desse pensamento nos remetem à Grécia Antiga. Parmênides de Eleia (530 a.C. — 460 a.C), partindo de um princípio lógico excludente entre o que o fenômeno do ser é ou não é, lançou as bases para que Platão (428 a.C.-347 a.C.) desenvolvesse uma filosofia dualista baseada na divisão do mundo entre o mundo dos sentidos e o das ideias. Sua teoria das ideias é construída a partir de um modo de pensamento baseado em valores específicos e determinados: organizado, sem contradições, distante das emoções, e tendo como alvo alcançar o imutável, a verdade universal do ser. Nega, para isso, àquilo que se relaciona com a intuição, as sensações, o corpo e os afetos. A ideia de razão que nasce junto com a filosofia platônica é, portanto, um modelo que valoriza uma abstração teórica e se opõe a parte considerável da vida do ser humano.

Para alcançar esta verdade absoluta, Platão cria uma abordagem do mundo baseada na ideia de um objeto do conhecimento distinto de nós mesmos, fundando uma separação inconciliável entre o ser cognoscente e o objeto cognoscível externo a ele. O sujeito funda-se assim como uma unidade subjetiva, um ser distante do mundo e de suas infinitas conexões, condições históricas e particulares em busca de uma pretensa verdade universal, proclamando a razão como modo de conhecimento que se constitui em oposição ao erro, ao delírio e às emoções nas quais o mundo dos sentidos estaria imbricado.

Esta cisão entre razão e emoção originária na filosofia platônica veio a culminar, no decorrer dos séculos, na criação do método científico por René Descartes (1596-1650) erigindo o princípio da verdade ao valor da certeza garantida pelo domínio da razão na aplicação da técnica. \*\*Não mais inteiros, nascemos como sujeito moderno como um ser humano partido aprisionado na intelectualidade que domina a emoção. Somos reduzidos assim a um penso, logo existo.



## OS OUTROS DA RAZÃO



A cultura que se desenvolve a partir desses pressupostos dicotômicos encontram no saber e no pensar da racionalidade a função primeira do ser humano de um modo polarizado, levando a desvalorização de outras funções, atividades e seres que não se encaixavam neste paradigma.

Em sua obra *Yurugu: uma crítica abrangente do pensamento e da cultura europeia*, a antropóloga Marimba Ani identifica como tendo origem no pensamento platônico o asili\* da cultura europeia, dominado não só pelo conceito de separação, mas também pelo de controle. Ao estabelecer suas dicotomias baseadas em uma segmentação hierárquica que gera relações oposicionais, confrontantes e antagonistas entre os termos, temos por justificada uma ação de dominação no mundo do pólo que nesta lógica é considerado positivo sobre aquele considerado negativo: razão-emoção, homem-natureza, europeu-outro. Essa concepção de mundo orienta atitudes que foram e seguem sendo levada a cabo em um projeto antiquíssimo e amplo de colonialidade do outro. Projeto esse que atua tanto na fisicalidade do mundo, como também na conformação das subjetividades, levando a cabo um sistemático apagamento epistêmico de outros modos de conhecimento que não se encaixavam em seus próprios termos.

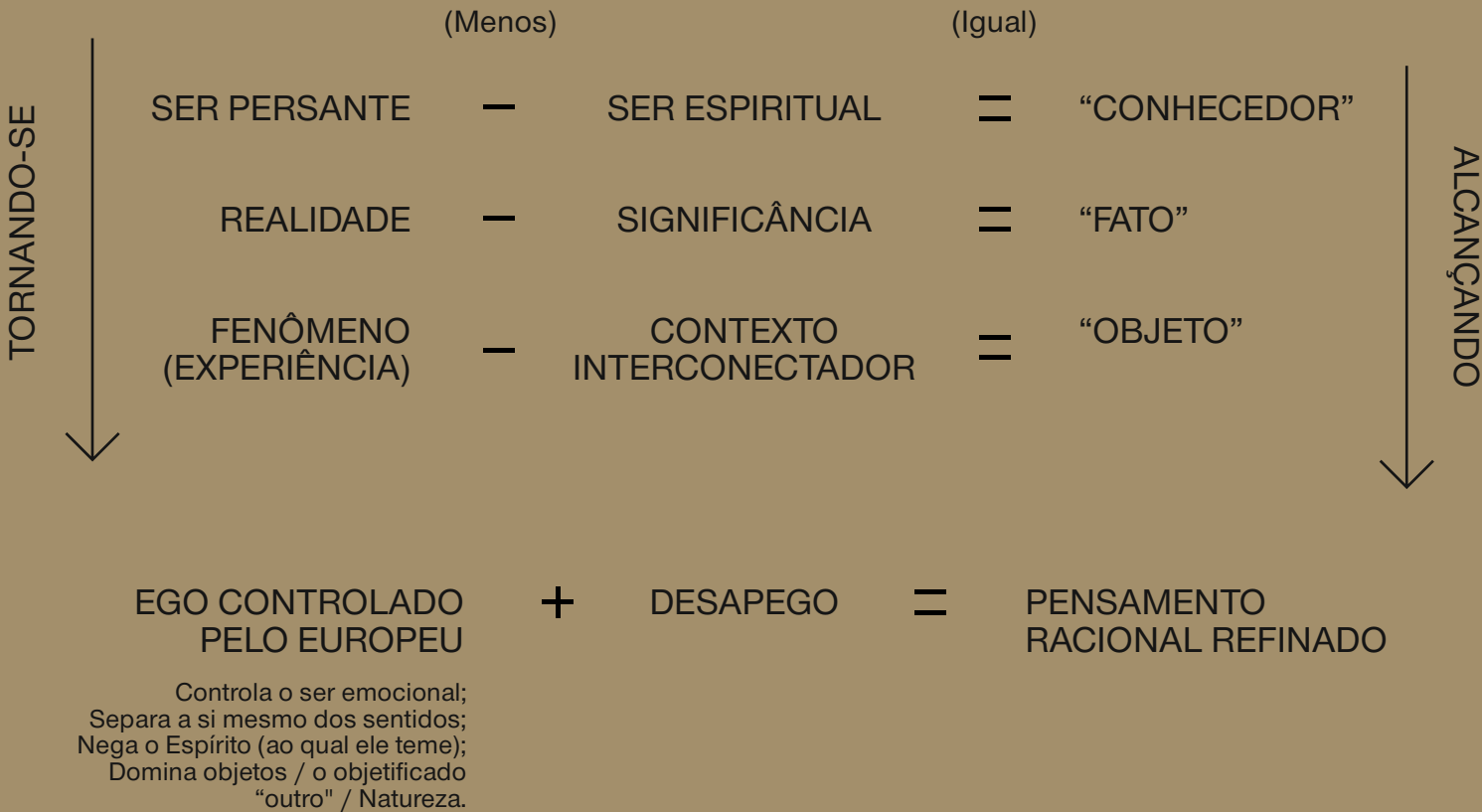
O conceito de asili desenvolvido por Marimba Ani é uma ferramenta de análise cultural refere-se ao princípio explicativo de uma cultura. É o princípio germinal do ser de uma cultura, a sua essência, um modelo que carrega dentro de si o padrão arquetípico para o seu desenvolvimento. Marimba Ani toma emprestado os termos Kiswahili para conotar suas idéias criando conceitos como Utamawazo para transmitir a idéia de “pensamento como determinado pela cultura”, e Utamaroho, como “espírito-de-vida de uma cultura”, a “personalidade coletiva” dos seus membros. Utamawazo é cognitivo na expressão, enquanto utamaroho é afetivo.

COSMOS - ESPÍRITO  
UNIVERSO OBJETIFICADO



ASPIRANDO À  
UTAMAROH

O PROCESSO DE  
UTAMAWAZO EUROPEU



CUMPRIMENTO ATRAVÉS DE  
PROPAGAÇÃO, AFIRMAÇÃO E  
PERPETUAÇÃO DA



"REALIDADE OBJETIVA"

Negação da realidade espiritual baseada em auto-alienação.  
Ex: controle que implica a desvalorização do conhecimento (espírito) africano e justifica a escravidão e exploração dos africanos.

A razão tendo como seu fundamento a eliminação dos outros da razão também é uma visão bastante explorada pelo filósofo Michel Foucault (1926 - 1984). Em *A História da Loucura*, ele identifica no pensamento cartesiano a cisão entre razão e loucura, diferenciação esta que as produz como pares oposicionais de modo a estabelecer o domínio da primeira sobre a segunda. A vontade de saber que se coloca como motor do discurso científico moderno em busca de uma ideia de verdade objetiva produz, ao estabelecer a norma, seus desvios, subjugando de modo sistemático os âmbitos que se encontram para além dos seus próprios limites de pensamento através das instituições disciplinares modernas, como por exemplo, a própria escola.

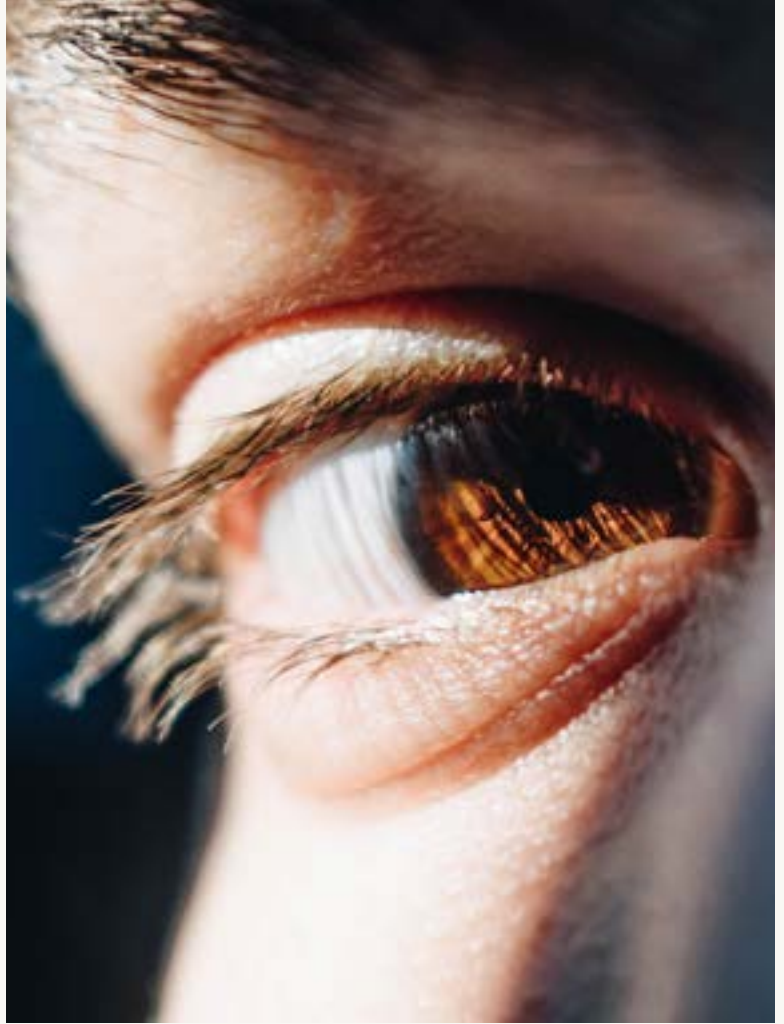
## A EDUCAÇÃO DISCIPLINAR



Instituída no século XIX com a formação das universidades modernas e desenvolvida no século XX com o impulso dado à pesquisa científica, a organização disciplinar dos saberes se estabelece na tradição cartesiana descontextualizando o estudo dos objetos, fragmentando o conhecimento, separando os problemas e reduzindo o complexo em simples em busca de uma objetividade. Esse sistema de ensino, que ainda mantém sua hegemonia nas instituições escolares, sustenta um método de conhecimento que prioriza uma intelectualidade abstrata e distante da vida e atua de modo a controlar os corpos, desejos, afetos e saberes. "Uma cabeça obesa é o que nos restou como herança, e uma vida idealizada arrastada por um corpo raquítico", como nos fala Viviane Mosé em sua análise crítica *A espécie que sabe - Do Homo Sapiens à crise da Razão*.

O cérebro, cindido em seus dois hemisférios, com o esquerdo sendo responsável por um tipo de pensamento analítico-verbal enquanto o hemisfério direito é responsável por um pensamento não-verbal, global, espacial, complexo e intuitivo, sob a égide da racionalidade moderna científica teve somente a primeira parte levada em consideração. De acordo com este modo de se produzir conhecimento, a inteligência é identificada somente com o modo cognitivo da porção esquerda do cérebro. Raramente a função associada ao hemisfério direito é reconhecida como um modo de inteligência, o que não a leva a ser testada nem encorajada nas instituições escolares. Nossos sistemas de ensino tradicionalmente se sustentam assim em uma transmissão passiva, de professor para o aluno, de um conhecimento que se proclama autônomo, gerado no distanciamento da vida. O saber não surge como uma construção humana surgida no encontro com o outro. Sob a hegemonia da razão, deixamos parte essencial da formação de um ser humano de fora da escola, uma das nossas principais instituições socializadoras e responsáveis pela formação dos cidadãos. As inteligências outras que não a analítica, linear e técnica não encontram assim na escola tradicional um incentivo constante, sistemático e institucional para o seu desenvolvimento.

## SOCIEDADE TECNOCIENTÍFICA



Encorajados por esta visão de mundo a desvalorizar a própria vida, suas emoções e suas contradições, essa concepção racionalista do humano acaba por nos conduzir à máquina e à ordem tecnológica e seus imperativos de objetividade.

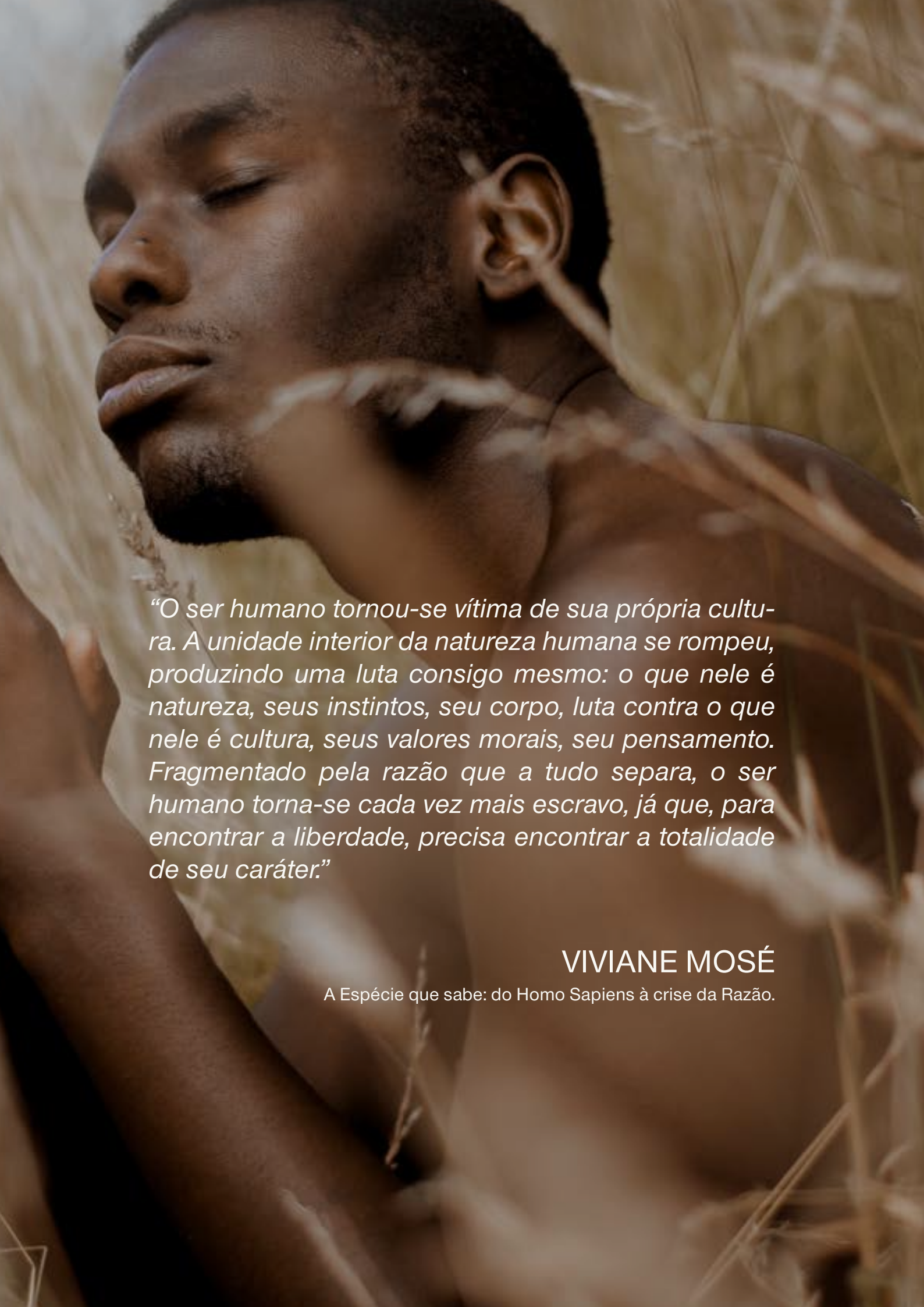
A ciência moderna, com sua vontade de saber e seu poder de atuar de acordo com seus princípios de verdade, se mescla com a técnica de modo a instrumentalizá-la para por em prática a capacidade superior da razão humana de controlar e dominar da natureza. O saber técnico passa a ser subordinado a uma racionalidade de visão generalizada que busca a eficiência da ação humana, dando origem a uma ciência caracterizada por ser uma tecnociência, como propõe o filósofo Umberto Galimberti (1942-). Isto porque não há como pensar na ciência moderna sem um viés técnico-tecnológico, já não há perspectiva científica sem tecnologia, nem tecnologia sem técnica. Tal modo de conhecer e atuar no mundo transformou nossa organização social, vindo a configurar a nossa própria sociedade como tecnocientífica, onde a pretensa objetividade do conhecimento científico é efetivado numa tecnologia que se torna autônoma pode abdicar do ser humano para se autogovernar.



Vemos esta perspectiva se consolidando de modo significativo nesta era de nossas vidas denominada Quarta Revolução Industrial, onde a combinação de tecnologias está se fundindo com nossas vidas físicas, mudando a maneira como funcionamos e interagimos em todos os âmbitos da existência. Tal como nos alerta Evgeny Morozov (1984 -) em *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*, a adoção do Big Data contribuiu pra retomada de muitas premissas simplistas do positivismo sobre o conhecimento científico como a suposição implícita que quanto maior o conjunto de dados, mais verdade pode se extrair deles, simplificando narrativas complexas em regras algorítmicas concisas e explicações monocausais lineares. Dados, como qualquer produto de técnicas racionais, tendem a incorporar, ocultar e amplificar vieses culturais, raciais e étnicos, explicitando a fraqueza destes sistemas aparentemente objetivos baseados em uma perspectiva de mundo parcial que declara pelos seus próprios termos ser portadora de uma verdade universal. A tirania dos dados e a atual subordinação a que nos submetemos ao depositar nossa confiança em pontos de vistas meramente técnico sem considerar todos os aspectos de uma questão, como a ética envolvida na aplicação da técnica tal como prevê o arranjo democrático, acaba por nos levar a um enfraquecimento da própria ideia de política. Com a interligação crescente das atividades humanas com sistemas de inteligência artificiais, um dos grandes desafios da nossa era é fazer a informação servir de matéria-prima e ao invés de nos dominar, ser integrada, transformada em conhecimento, e sempre revisado e revisitado pelo pensamento humano.



Assim, de Homo faber, que se distinguia dos demais seres com base na utilização de seu intelecto para a concepção de técnicas, passamos a ser o Homo technologicus, com uma ênfase maior no technologicus que no homo, de um modo que redefinimos a própria vida humana sob uma perspectiva em que se torna impossível de se pensar nela sem relação com a tecnologia. Colocando lado a lado objetos e ser humano, acabamos assim por nos objetificarmos e tornamo-nos refém da própria tecnociência.



*“O ser humano tornou-se vítima de sua própria cultura. A unidade interior da natureza humana se rompeu, produzindo uma luta consigo mesmo: o que nele é natureza, seus instintos, seu corpo, luta contra o que nele é cultura, seus valores morais, seu pensamento. Fragmentado pela razão que a tudo separa, o ser humano torna-se cada vez mais escravo, já que, para encontrar a liberdade, precisa encontrar a totalidade de seu caráter.”*

**VIVIANE MOSÉ**

A Espécie que sabe: do Homo Sapiens à crise da Razão.



# NARRATIVAS DE UNIÃO

O paradigma sob o qual se erigiu a sociedade tecnocientífica contemporânea deu assim origem a um ser fragmentado, cujos atributos ligados à razão, ao intelecto, à objetividade e à ideia de verdade se sobrepuseram de maneira dominadora sobre os demais âmbitos da vida que não se enquadravam em seus termos. Torna-se assim imprescindível buscarmos alternativas de ser que nos permitam usufruir de modo pleno de toda nossa potencialidade como humanos.





## PARA ALÉM DA RAZÃO FRAGMENTÁRIA

A razão, tal como concebida na filosofia platônica e seus posteriores desenvolvimentos que culminaram ciência universal detentora da verdade de Descartes, foi alvo de uma série de questionamentos dentro do próprio seio da filosofia ocidental.

Para David Hume (1711-1776), a ideia não existe como uma realidade independente que preside a tudo mais no mundo, mas é algo que surge tendo por base a experiência. E como a realidade do mundo é plural, diversa, e ao mesmo tempo particular, individual, a base universal da racionalidade é por si só um equívoco.

Na crítica da razão de Immanuel Kant (1724 - 1804), a própria unidade entre a realidade e a razão é desfeita. A razão seria uma estrutura complexa originária da relação do ser humano com o mundo a partir de 3 dimensões: conhecer, querer e, também, sentir. Seria assim a razão fruto de diversas habilidades e potências do ser humano, não se restringindo meramente ao intelectual.

Partindo de Kant, Friedrich Schiller (1724-1804) defende um conceito ainda mais ampliado de razão baseado concepção de 3 esferas distintas e autônomas: a teórica, a moral e a estética. Para ele, somente o senso estético, com o desenvolvimento da sensibilidade pode fazer a ponte entre a natureza e ser humano, desfazendo a polaridade entre estes ao aproximar o que a racionalidade separou. Propõe assim um pensamento que seja capaz de dar conta de nossa necessidade de conhecer, mas que também considera nossa necessidade de querer e nossa liberdade de sentir, sem nos colocar em oposição a nós mesmos.

Já para Friedrich Nietzsche (1844- 1900) a sociedade ocidental moderna fetichizou a razão como projeção de uma força subjetiva, autônoma e ordenadora da vida, que é em essência um fluxo incessante, cheio de contradições e inexplicável por uma lógica redutora baseada na causalidade. Nossa escravidão da lógica seria voluntária devido a nossa impossibilidade e medo de não compreender o mundo em sua complexidade, buscando ordená-lo para que assim possa ser dirigido pelo sujeito.

Para além desses filósofos, críticas à razão e a objetividade científica seguem sendo feitas na contemporaneidade dentro do próprio seio da ciência. Para o neurobiólogo Humberto Maturana (1928 -), a ciência não se constitui nem se funda em referência a uma realidade independente do observador a que se possa controlar. Ele distingue a objetividade científica entre a objetividade-sem-parênteses, que se conforma como uma petição de obediência, onde o outro da ciência está errado, e a objetividade-entre-parênteses, que é um \*\*\*\*caminho explicativo que considera a existência de domínios de realidades diferentes mas igualmente legítimos - ainda que não igualmente desejáveis - constituídos por um domínio de coerências operacionais na experiência do observador. Maturana leva em conta assim o fundamento emocional de todo sistema, pois para ele, a emoção é um fator fundamental no processo evolutivo do ser humano.



## A RETOMADA DA EMOÇÃO



Sentimos antes de pensar. E existe - é claro - uma explicação científica para isso. Quando uma mensagem chega até nós, ela pousa na amígdala, uma pequena parte do nosso cérebro classificada como a parte "emocional", levando vários segundos para que a mensagem chegue ao nosso cérebro "pensante", o neocortex frontal. Quando a mensagem chega ao nosso neocortex, ela já sofreu a influência da mensagem captada por nosso cérebro emocional.

As emoções são fenômenos próprios do reino animal. E segundo Maturana, são elas, e não a razão, as responsáveis pela ação humana. Fundador da sociobiologia do amor, o autor conceitua as emoções como disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos, e encontra particularmente na emoção do amor a estrutura fundante do social. Isso porque o amor é a emoção que constitui um domínio de ações que fazem do outro um outro legítimo para a convivência, permitindo-nos manter interações recorrentes sem as quais não há fenômeno social.

# A EDUCAÇÃO EMOCIONAL



Em *Emoções e linguagem na educação e na política*, Maturana expõe como a competição, geralmente tão associada ao processo evolutivo, como uma emoção que não é constitutiva do nosso processo biológico, mas sim um fenômeno cultural. É somente na justificativa racional dos modos de convivência que inventamos discursos ou desenvolvemos argumentos que justificam a negação do outro. Um modo de vida no qual o amor e a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência é, portanto, uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal dos seres humanos.

As concepções de Maturana vão de encontro com as de muitos pensadores do desenvolvimento humano e da educação. Henri Wallon (1879 - 1962), defensor da afetividade como um dos aspectos centrais ao desenvolvimento humano, ressalta também a importância do aspecto social deste processo. Segundo ele, a parte cognitiva social do nosso cérebro muito flexível e seu desenvolvimento não é linear, sofrendo de crises, rupturas, conflitos, retrocessos, como um movimento que tende à sofisticação a partir dos elementos fornecidos pela cultura e a linguagem. Também para Lev Vygotsky (1896 - 1934), o homem se produz na e pela linguagem, sendo na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que o sujeito está inserido. Seu conceito de zona do desenvolvimento proximal ressalta a importância da coletividade e do aprendizado cooperativo, desenvolvido por meio das interações com outros membros da sociedade.

Tais perspectivas, nos demonstram a importância de resgatar nossas emoções e a capacidade de convívio com o outro como importantes ingredientes nos processos de aprendizagem e conexão. A hegemonia do tradicional do processo educativo disciplinar, marcado pela racionalidade, pela individualidade e pela competitividade acabam por promover um ambiente de exclusão e despreparo para uma vida harmônica, coesa e solidária na sociedade contemporânea.

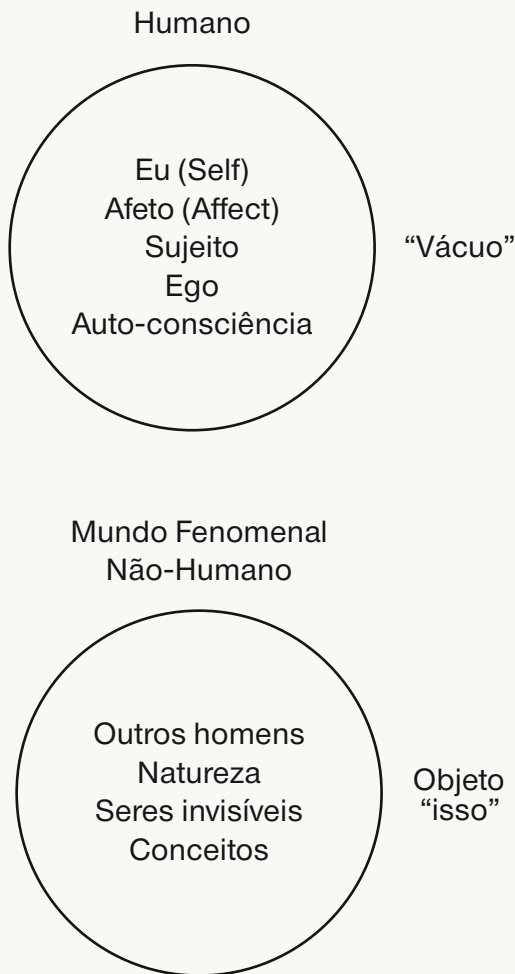


## OUTRAS BASES CIVILIZATÓRIAS

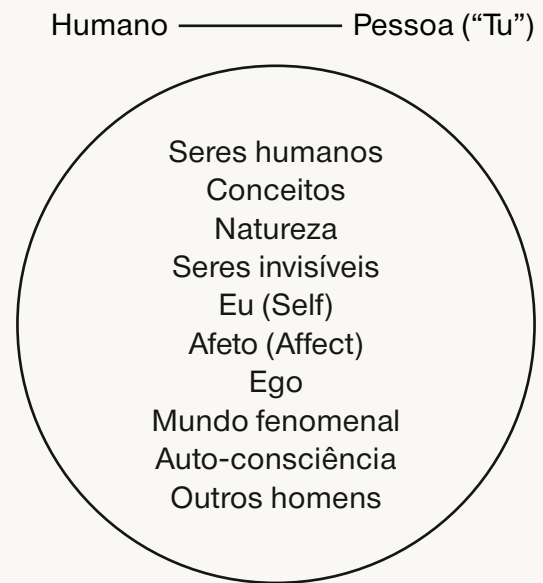
Buscando a superação do pensamento mítico, que se sustentava como principal modo de conhecimento na Grécia Antiga, Platão lançou as bases para o desenvolvimento de uma racionalidade que, ao promover um repúdio ao sentido simbólico do pensamento, veio a ter um efeito devastador sobre os aspectos não-técnicos da cultura humana.

Em *Yurugu*: uma crítica abrangente da cultura e pensamento europeus, Marimba Ani nos alerta sobre como a racionalidade moderna, em seu projeto colonial do saber, prega a inferioridade de qualquer tradição epistêmica que não seja regida por seus padrões. O mito, que se encontra entre as categorias do saber e do ser, comporta em suas narrativas um saber complexo, sintético e não-linear sobre causa de tudo: das ideias, dos afetos, dos desejos, bem como busca uma compreensão sobre o ser humano e a vida. Este modo de saber sustenta uma formação completa do ser humano porque ela não busca eliminar parte de sua vida deste processo e tampouco se fundamenta em uma separação abstrata do sujeito cognoscente de seu meio. Pressupõe, no entanto, um sujeito cognoscente intimamente envolvido no universo circundante, que é experienciado pela totalidade do ser ao invés de controlado por uma razão autônoma e um ser destacado da realidade, a qual ele objetifica e apenas observa.

## VISÃO DE MUNDO EURO-AMERICANA

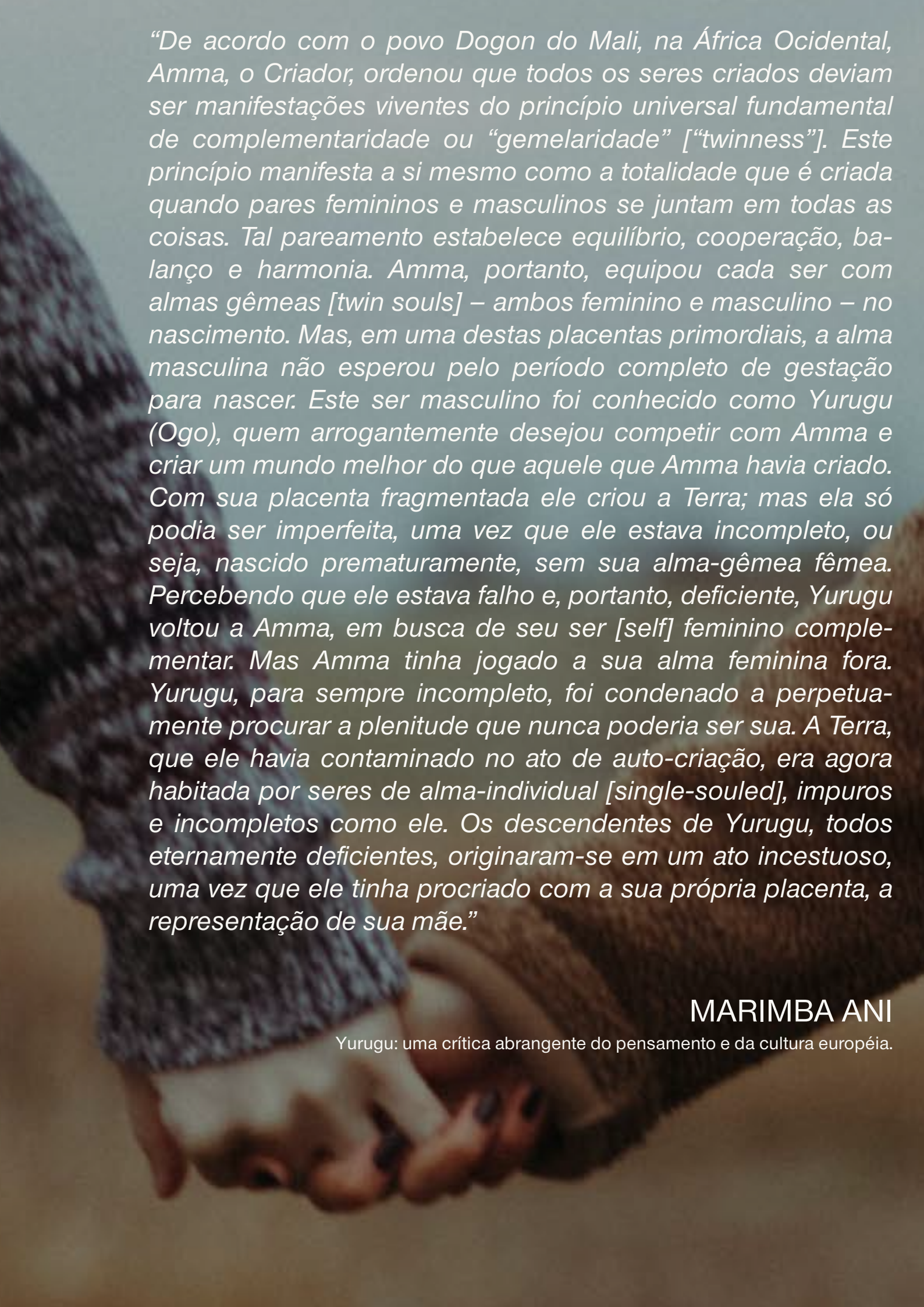


## VISÃO DE MUNDO AFRICANIZADA



Na segmentação hierarquizada do paradigma epistêmico de origem platônica, a "harmonia" é alcançada somente quando o termo considerado positivo da dicotomia controla ou destrói o termo considerado negativo. De acordo com essa mentalidade, tornam impossíveis concepções holísticas como no pensamento oriental (Zen) do Yin e do Yang ou no princípio Africano da gemelaridade, onde o equilíbrio de forças complementares garante o funcionamento de um todo harmonioso. O que é, afinal, a vocação do próprio funcionamento do nosso cérebro: segundo pesquisas de Roger Sperry no Instituto de Tecnologia da Califórnia sobre sua natureza bimodal, os hemisférios direito e esquerdo se conectam através de um corpo caloso que unifica o ser pensante e o ser sensível. As funções opostas são complementares e atuam em cooperação para o bom funcionamento do todo. Foi a nossa crença cega na ideia de verdade que nos fez aceitar o domínio de apenas uma parte do cérebro sobre a outra.



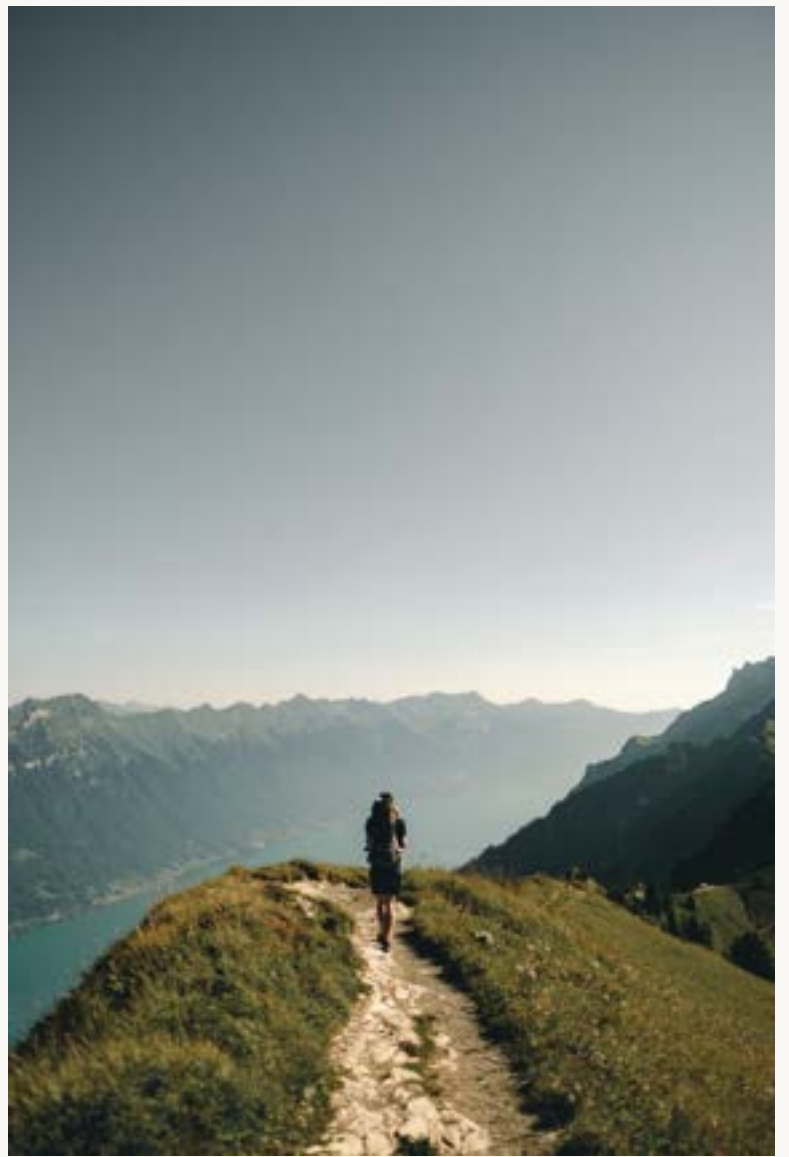


*“De acordo com o povo Dogon do Mali, na África Ocidental, Amma, o Criador, ordenou que todos os seres criados deviam ser manifestações viventes do princípio universal fundamental de complementaridade ou “gemelaridade” [“twinness”]. Este princípio manifesta a si mesmo como a totalidade que é criada quando pares femininos e masculinos se juntam em todas as coisas. Tal pareamento estabelece equilíbrio, cooperação, balanço e harmonia. Amma, portanto, equipou cada ser com almas gêmeas [twin souls] – ambos feminino e masculino – no nascimento. Mas, em uma destas placentas primordiais, a alma masculina não esperou pelo período completo de gestação para nascer. Este ser masculino foi conhecido como Yurugu (Ogo), quem arrogantemente desejou competir com Amma e criar um mundo melhor do que aquele que Amma havia criado. Com sua placenta fragmentada ele criou a Terra; mas ela só podia ser imperfeita, uma vez que ele estava incompleto, ou seja, nascido prematuramente, sem sua alma-gêmea fêmea. Percebendo que ele estava falho e, portanto, deficiente, Yurugu voltou a Amma, em busca de seu ser [self] feminino complementar. Mas Amma tinha jogado a sua alma feminina fora. Yurugu, para sempre incompleto, foi condenado a perpetuamente procurar a plenitude que nunca poderia ser sua. A Terra, que ele havia contaminado no ato de auto-criação, era agora habitada por seres de alma-individual [single-souled], impuros e incompletos como ele. Os descendentes de Yurugu, todos eternamente deficientes, originaram-se em um ato incestuoso, uma vez que ele tinha procriado com a sua própria placenta, a representação de sua mãe.”*

**MARIMBA ANI**

Yurugu: uma crítica abrangente do pensamento e da cultura européia.





# CAMINHOS PARA A TOTALIDADE

Superar esse paradigma de uma ciência obstinada e fragmentada e que é incapaz de considerar o todo tem como consequência à exaustão humana, social e ambiental, podendo assim, ao invés vez de controlar a vida, acabar por extingui-la. Uma policultura de perspectivas mostra-se assim mais do que nunca necessária no contexto da contemporaneidade.

## POR OUTRAS PEDAGOGIAS



Em *Os Sete Saberes Necessários à Educação no Futuro*, Edgar Morin argumenta em defesa de uma reforma paradigmática no ensino. Para ele, devemos alimentar um novo espírito científico como um movimento de recomposição baseado na transdisciplinariedade e na multidimensionalidade, que favorece a junção da cultura científica com a cultura das humanidades - o que ele entende por uma escola de qualidade poética da vida, de descoberta de si, da compreensão humana, considerando não só a dimensão objetiva dos seres humanos, mas, ao mesmo tempo, a dimensão subjetiva para assim "aprender a viver".

Entre os saberes que prega serem necessários, destaca-se a necessidade de se ensinar a condição humana e a identidade terrena, para compreendermos que nós nos constituímos como parte de uma sociedade que prevalece por conta das interações vivenciadas pelos indivíduos, bem como de uma única espécie. Por isso, a escola deve ensinar a compreendermo-nos, considerando a comunicação entre os seres humanos como um elemento fundamental e imprescindível. O exemplo concreto utilizado pelo autor é o do choro: para compreender sua razão, olhar e analisar as lágrimas em um microscópio não levará a nada. É necessário, por outro lado, perguntar ao outro a razão de seu choro, de suas dores. E, mais do que isso: saber escutar.

O saber científico se baseia em um paradigma que se sustenta pelo primado de um dos sentidos: a visão. Não é a toa que ele se baseia na autoridade do modo letrado, crendo na erudição como o mundo da objetividade e de verdade. Já a mídia oral é classificada como subjetiva, onde aconteceria uma mescla entre a personalidade e a tradição. A escuta, fundamental para o estabelecimento de uma relação receptiva ao outro, tornou-se uma habilidade rara nesse modo de saber dominado pela escrita, que requer uma aprendizagem técnica que desvaloriza a oralidade, excluindo assim uma gama imensa de saberes outros transmitidos por gerações e gerações por este meio.

Torna-se urgente para outros modos de se existir no mundo a restituição do corpo como um todo como objeto de conhecimento. Como diz Frantz Fanon (1925 - 1961) em *Os Condenados da Terra*, precisarmos restaurar o sentido do corpo e “declarar abolida a cisão colonialista entre o racional e o sensível” para ir além de uma constelação de valores que se identificam com a verdade, produto de uma história colonial que pretende produzir uma forma única de se estar no mundo. Resgatar o valor da vida de modo a retomar o corpo como parcela de vida que vibra, sente, pensa, quer e que se relaciona com outras imensidades, outros quereres, com outros corpos, e que se constitui nestas junções e por isso as respeita. Que vive na encruzilhada, lugar de incertezas e campo de possibilidades, tal como Luiz Rufino propõe em *Pedagogias da Encruzilhada* e com Luiz Antonio Simas nos propõe em *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Os saberes assentes nas macumbas, nos dizem estes autores, propõe-nos a pensar uma relação ecológica entre as diferenças, pautado na não-hierarquização, na interdependência e na presença credível de caracteres cruzados dessas existências. A relação com diferentes saberes potencializa um exercício dialógico e polirracionalista que nos mantém em mobilidade, em constantes fluxos, em encontros, contaminações e afetos.

Ecopedagogias de(s)coloniais vão assim contra uma monocultura do saber pautada em um paradigma de morte dos saberes que foram excluídos da episteme racionalista eurocentrada, como mitos, lendas, folclore, e outros discursos pré-científicos, para ir de encontro a apreciação dos saberes humanos em sua complexidade, considerando igualmente válidas outras lógicas de conhecer, ser, sentir e fazer, para tornar válidas outras possibilidades de existir e viver que a modernidade busca homogeneizar e invisibilizar. Ao invés da fórmula, a referência é o diálogo, assentado em éticas de convivências respeitadas entre as diversas culturas e suas relações com o mundo de modo a estimular rearranjos horizontais e colaborativos. Devemos levar em séria consideração visões de mundo que afirmam o valor da vida humana em relação mútua: a palavra é convívio ao invés de domínio.

## MODO COMPETIÇÃO

Modelo de conversa: debate  
Objetivo: derrotar o outro  
Meu papel: convencer  
Papel do outro: oponente

Fluxo competitivo

Escuta seletiva  
Escuta confrontativa  
Escuta excludente  
Escuta ofensiva ou defensiva

## CAMPO DE IDENTIFICAÇÃO

Espaço de transição - ênfase na resposta

Escuta estratégica com relação aos fins  
Escuta lúdica  
Escuta empática com relação aos meios

Espaço de transição - ênfase na pergunta

## MODO COOPERAÇÃO

Modelo de conversa: diálogo  
Objetivo: compreender o outro  
Meu papel: compor  
Papel do outro: componente

Fluxo cooperativo

Hospitalidade  
Hospital  
Hospício  
Hospedeiro

Em *O Palhaço e o Psicanalista* – Como escutar os outros pode transformar vidas, do psicanalista Christian Dunker e do palhaço Claudio Thebas argumentam a favor da escuta como uma potência capaz de reorganizar o modo como nos relacionamos com os outros.



## INTERRELAÇÃO CÓSMICA

Quando ser humano e natureza são colocados em oposição um ao outro a partir do princípio de que a parte do ser humano que diferiria da natureza - a racional - é superior a ela, temos como consequência uma relação basicamente hostil entre estes termos. Como nos mostra Marimba Ani em *Yurugu*, outras cosmologias - ou universos epistêmicos - como as africanas, ameríndias e oceânicas, compartilham de certos temas em comum que se baseiam na compreensão de que o universo a que se referem é um verdadeiro cosmos, orgânico e sagrado em sua origem. Os seres humanos são parte deste cosmos, e, como tal, se relacionam intimamente com outros seres. Essas cosmologia autênticas, mesmo mantendo aspectos racionais e pragmáticos em suas culturas, rejeitam o racionalismo como modo epistemológico dominante, tendendo a se expressar através de uma lógica de metáfora e simbolismo complexo.

Um eu-cósmico implica que a realidade do ser é fenomenalmente parte de outras realidades apresentadas como resultado da coexistência do consciente, do sensível e do espiritual no universo. Estas concepções e suas bases de relações comuns se estabelecem como uma relação compreensiva com o ambiente natural, fundamentando-se na interrelação dos seres. Um eu cósmico não objetifica o universo. Ou como nos propõe o grande líder indígena Ailton Krenak (1955 -) em *A vida não é útil*: temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver. Um eu cósmico deve ser integral. Em tal ser, a razão e a emoção não podem ser experimentadas tão díspares, desconexas, e antagonísticas. Porque a interação harmônica entre todas as partes é fundamental para o todo.



*“Para que educar? Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive.”*

**HUMBERTO MATURANA**

Emoções e linguagem na educação e na política.



## BIBLIOGRAFIA

ANI, M. Yurugu: an African-centered Critique of European Cultural Thought and Behavior. Trenton: Africa World Press, 1994.

FANON, F. Os Condenados da Terra. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FOUCAULT, M. A História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 1978.

KRENAK, A. A vida não é útil. São Paulo: Editora Schwarcz, 2020.

MATURANA, H. Emoções na Linguagem e na Política. Belo Horizont: Editora UFMG, 2002.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à Educação do futuro. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>

MOSÉ, V. A espécie que sabe: do Homo Sapiens à crise da Razão. Petrópolis: Vozes, 2019.

MOROZOV, E. Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RUFINO, L. Pedagogias da Encruzilhada. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.

RUFINO, L; SIMAS, L. A. Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.

SILVA CARVALHO, E. S.; MOUJÁN, I. F.; RAMOS JÚNIOR, D. V. Pedagogias de(s)coloniais: saberes e fazeres. Palmas: EdUFT, 2018.

SPUTNIK